

OS HUMANOS DOS DIREITOS CONTRA AS UTOPIAS POLÍTICAS¹

Por: Emanuel Isaque Cordeiro da Silva²

Alana Thaís Mayza da Silva³

Eduarda Carvalho da Silva Fontain⁴

Os direitos subjetivos são direitos e, em primeiro lugar, dos homens. Mas os "homens" também não conseguiriam coligar muito bem as energias. Acreditamos cada vez menos na humanidade. As reivindicações proliferam porque são irredutivelmente singulares. Essa é a diferença que vale e importa. Como diz Marcel Gauchet: em oposição ao ideal democrático original (de Rousseau, por exemplo), em que se exigia de:

[...] cada cidadão que se apropriasse do ponto de vista do conjunto a partir de seu próprio ponto de vista, na nova configuração que se desenha o que prevalece é a disjunção, e que cada um faça valer sua particularidade diante de uma instância do geral do qual não se pede em nenhum momento que ele abrace o ponto de vista. (GAUCHET, 1998).

O homem nunca aparece no horizonte de nossas mobilizações, porque está sufocado nas novas formas de fazer o nós.

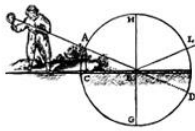
É verdade que o homem, a humanidade, o humanismo nunca se deram bem com as utopias. Nem com as utopias literárias nem com as utopias em ação. As primeiras se apoiavam em certa concepção do ser humano: bom em si mesmo, mas vivendo em comunidades políticas que precisavam ser refundadas. As utopias em ação se apoiavam em uma visão geral da humanidade na história (raça contra raça, classe contra classe), mas a revolução que conduziria à libertação e à saída da história deveria ser realizada no interior de um país, de uma nação ou de um povo, mensageiro do destino de toda a humanidade.

¹ Esse arquivo é uma cópia do livro: **Três Utopias Contemporâneas**. Francis Wolff. São Paulo: Editora Unesp, 2018. p. 16-18.

² Bacharelado em Zootecnia pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE (2019-). Tecnólogo em Agropecuária pelo Instituto Federal de Pernambuco *Campus* Belo Jardim (2016-2018). Normalista (Magistério) pela Escola Estadual Frei Cassiano Comacchio (2014-2017). Pesquisador assíduo de temas filosóficos, políticos e sociais. E-mails: eisaque335@gmail.com e eics@discente.ifpe.edu.br / WhatsApp: (82)9.8143-8399.

³ Estudante do ensino médio no Colégio de Aplicação da UFPE (2018-2020). Possui aperfeiçoamento em língua inglesa pelo Instituto Brasileiro de Línguas – IBL (2018-2019). Estuda especialização em História Geral e do Brasil pela Universidade Católica de Pernambuco (2019-).

⁴ Estudante do ensino médio no Colégio de Aplicação da UFPE (2018-2020). Estuda Inglês e Francês no Instituto Brasileiro de Línguas – IBL (2019-). Estuda Ballet na Escola de Ballet Marisa Queiroga (2019-).



Société française de philosophie

Foi assim com o nazismo.

O ariano é o Prometeu da humanidade [...]; ele sempre mostrou ao homem o caminho que deveria percorrer para tornar-se o mestre dos outros seres vivos sobre a terra; se o fizessem desaparecer, uma escuridão profunda desceria sobre a terra, em alguns séculos a civilização humana acabaria e o mundo se tornaria um deserto (HITLER, 1939).

E preciso acabar com o humanismo e o cosmopolitismo. E partir a história humana ao meio: ela sempre foi a história da luta da raça ariana contra seus inimigos, em particular contra a raça judia. E necessário recorrer a uma solução final: livrar a terra para sempre dos judeus para finalmente assegurar o triunfo da raça ariana: a Alemanha é a detentora desse papel predestinado.

Foi assim com o "socialismo real". Mais uma vez era necessário partir a história humana ao meio. Ela sempre foi a história da luta de classes: não pode mais haver classes. Desde sempre houve propriedade privada. Ela deve ser abolida. Mas o fim definitivo das classes e da propriedade deve passar primeiro pela exacerbação da luta de classes no interior de um país: o proletariado e o campesinato são herdeiros desse papel histórico.

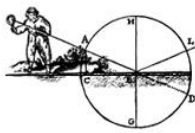
Assim, na época em que o marxismo era considerado um horizonte intelectual intransponível, e a revolução proletária era vista como o horizonte intransponível desse horizonte, "o homem" do "humanismo" era desprezado porque supunha uma unidade de essência *além* das comunidades verdadeiras, definidas em si mesmas por um antagonismo fundamental: antagonismo interno das classes (exploradoras/exploradas), antagonismo externo dos povos (opressores/oprimidos) ou das culturas (dominantes/minoritárias) etc. Não se podia conceber uma causa comum à humanidade nem preparar ou defender uma revolução hipotética dos humanos. E, além do mais, contra quem e contra o quê? "Não vejo homem", dizia-se após Marx, "vejo apenas operários, burgueses, intelectuais." O homem não era a medida de todas as coisas, o verdadeiro padrão de medida era menor: por exemplo, os burgueses ou os proletários. A humanidade, ou melhor dizendo, a realidade da história definia-se em um nível inferior.

As utopias revolucionárias parecem ter abandonado o horizonte ideológico de nossa Modernidade. Em todo caso, as utopias políticas. Mas pode ser que nossa época ainda tenha o poder de conceber novas utopias. Pois não nos livramos delas tão facilmente. Expulsas pela porta da história, elas retornam pela janela da imaginação. Expulsas de nosso ideal político, serão pós-políticas.

Podemos vislumbrar essas novas utopias revolucionárias nos dois traços que definem o contemporâneo, através da ambiguidade da expressão "direitos humanos".

Negativamente, delineiam-se de forma indireta a partir das dúvidas sobre o que somos.

Positivamente, cumprem o que sabemos que somos: indivíduos.



Société française de philosophie

REFERENCIAL TEÓRICO

GAUCHET, M. **La religion dans la démocratie**. Paris: Gallimard, 1998. Col. Folio Essas.

HITLER, A. **Mein Kampf**. Mon combat. La Défense Française, 1939. (Édition intégrale).

*Société française de philosophie
Ecole Normale Supérieure
45 rue d'Ulm,
75005 Paris*

